

Mulheres viajantes no Estado Novo¹

Sónia Serrano*

Resumo: Esta comunicação tem como cenário sócio-político Portugal entre as décadas de 30 e 60 do século XX e centra-se no estudo de oito livros de viagem escritos por mulheres, sendo dois deles em co-autoria com autores masculinos. A análise parte de uma perspectiva de género e procura reflectir sobre o impacto da propaganda ideológica difundida pelo Estado Novo, no âmbito das narrativas de viagens e a forma como permeou os discursos feitos sobre o país e o povo. A leitura, numa perspectiva conjunta destes textos, oferece uma série de questões que me parece interessante abordar, de que destacarei uma, a ideia de exótico relacionado com a cultura portuguesa da época, numa óptica da análise de um país sujeito ao olhar do visitante estrangeiro e que procurava encenar uma nova era na sua história.

Palavras-chave: Literatura de Viagens, mulheres viajantes, Estado Novo, propaganda

Abstract: This communication has Portugal as its socio-political setting, between the 1930s and 1960s, and focuses on the study of eight travel books written by women, two of them co-authored with male authors. The analysis is based on a gender perspective, and seeks to reflect on the impact of the ideological propaganda disseminated by the Estado Novo, within travel narratives, and how it permeated the discourses made about the country and the people. The reading of these texts from a joint perspective offers us a series of questions that seem interesting to address, of which I will highlight one, the idea of the exotic related to the Portuguese culture of the time, in a perspective of analysis of a country subject to the gaze of the foreign visitor and who was trying to stage a new era in its history.

Keywords: Travel Literature, women travellers, Estado Novo, propaganda

I. Introdução

Esta comunicação vai centrar-se numa das questões que analisei no decurso da investigação para a minha dissertação de mestrado sobre textos de viagem escritos por mulheres estrangeiras viajantes a Portugal no período do Estado Novo. Partindo de uma perspectiva de género, procurei reflectir sobre o impacto da propaganda ideológica difundida pelo regime, no âmbito das narrativas de viagens e a forma como permeou os discursos feitos sobre o país e o povo.

Com efeito, o turismo foi utilizado pelo Estado Novo como mais um elemento de propaganda política e ideológica, com o objectivo de fixar a narrativa do governo de Salazar sobre o seu conceito de Portugal e dos portugueses, procurando a agregação do povo e dos visitantes estrangeiros a este ideário.

II. Objectivos

Os objectivos desta análise consistiram em perceber até que ponto a visão sobre um país se encontra condicionada pelos instrumentos de divulgação turística desse lugar, especificamente quando o mesmo se encontra sob um regime ditatorial.

Pretendi, igualmente, analisar se existem linhas de pensamento dominantes sobre a forma como Portugal é visto desde um olhar forâneo e feminino, decorrentes não apenas das narrativas que advêm de viajantes anteriores, mas também da representação feita pela propaganda produzida pelo SPN (Secretariado de Propaganda Nacional) / SNI (Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo).

III. *Corpus* de estudo

A metodologia seguida consistiu na escolha e análise de oito obras escritas por mulheres estrangeiras, entre 1934 e 1961, sendo duas delas em co-autoria com um autor, confrontando-as com a imagem do país produzida pelos serviços de propaganda do Estado Novo.

São obras que se inscrevem no género da escrita de viagens, contextualizadas no âmbito do regime do Estado Novo e da sua actividade propagandística integrada na “política do espírito”, em particular no domínio do turismo. Por ordem cronológica das viagens, vejamos, em breve síntese, cada uma delas:

L'enchantement du Portugal (1934) resulta de uma viagem que a francesa Gabrielle Réval (1869-1938) realiza a Portugal, durante um mês, em 1932. Não são conhecidas traduções da obra para português. O livro encontra-se dividido em quinze capítulos com temas diversificados, tais como a chegada por mar, a cidade de Lisboa, passando por um capítulo dedicado aos camponeses, outro ao mar e outro ao que chamará “Os lugares santos de Portugal”. É uma escrita que não poupa encómios ao país e suas gentes, dando uma visão idílica e apaixonada de Portugal.

To Portugal for Pleasure (1945), da inglesa Alice Fullerton, não conhece tradução para português. O texto divide-se em 10 capítulos com assuntos tão variados como a justificação do seu amor por Portugal, a benção da frota do bacalhau ou os mercados, sem seguir uma linha itinerária geográfica precisa. A autora queixa-se que viu a sua pesquisa interrompida pela guerra.

Duas inglesas em Portugal - Uma viagem por Portugal nos anos 40 (1949), de Ann Bridge (1891-1974) e Susan Lowndes (1907-1993). Foi traduzida para português. Trata-se de um guia sobre Portugal, destinado, sobretudo, aos visitantes britânicos, fruto de um exaustivo levantamento levado a cabo pelas autoras. A obra percorre o país inteiro de norte a sul e ilhas. O seu propósito era “fazer a «antologia» das coisas variadas, invulgares e belas que podem ser vistas em Portugal.” (Bridge e Lowndes 2009: 21)

Férias com Salazar (1952), da francesa Christine Garnier (1915-1987). O original em francês foi traduzido para português, transformando-se num imediato sucesso editorial. A obra relata o percurso da autora na intenção de escrever uma biografia íntima sobre Oliveira Salazar.

On the Contrary (1961), da jornalista americana Mary McCarthy (1912-1989). A repórter faz uma estadia, em 1954, de três meses por terras lusas. Da experiência não resultou um livro, mas dois interessantes artigos, “Letter from Portugal” e “Mister Rodriguez of Lisbon”, ambos de 1955, o primeiro dos quais publicado na revista *New Yorker* e o segundo na *Harper’s Magazine*, em que, com alguma ironia, a autora observa os hábitos dos portugueses. A acuidade e pertinência das suas observações justificam a inclusão da jornalista neste estudo, de que analisei apenas o primeiro dos textos.

Blue Moon in Portugal (1956), do casal inglês William e Elizabeth Younger. Não tem tradução para português. Possui doze capítulos divididos pela geografia continental portuguesa através das suas regiões, dedicando capítulos específicos ao Porto, Coimbra e Lisboa. Também possui vários apêndices dedicados a hotéis, comida e vinhos, receitas portuguesas ou estradas.

Portuguese Panorama (1958), de mais uma inglesa, Iris Merle. Não apresenta tradução portuguesa. O título já anuncia a obra, em que se dá um panorama geral sobre o país de norte a sul, incluindo a Madeira.

Oldest Ally - a Portrait of Salazar’s Portugal (1961), uma co-autoria de Peter Fryer e Patricia McGowan Pinheiro, é o resultado de uma viagem efectuada pela dupla durante quatro meses, em 1960. O original é em inglês sem tradução portuguesa, havendo, no entanto, uma edição revista em espanhol de 1962. A singularidade desta viagem é que a autora é de ascendência portuguesa, o que lhes permitiu comunicar em português. Embora se assumam como um livro de viagem, segundo os autores, a obra foi escrita igualmente com a intenção de responder a uma pergunta claramente política: “Why is Portugal, the first modern empire-building nation, now so backward,

so poor, so illiterate, so stagnant - and why has she submitted to a reactionary dictatorship for an entire generation?" (Fryer / Pinheiro 1961: 13).

Estes oito textos podem ser distribuídos em categorias ligeiramente diferentes consoante a perspectiva da sua produção e da sua recepção. Em primeiro lugar, temos o livro de viagem no sentido mais clássico, ou seja, um escrito que corresponde às impressões e experiências de um viajante num determinado lugar, sem prejuízo da maior ou menor ficcionalização que possa existir. Nesta classificação encontra-se a maioria destas obras com a excepção de *Férias com Salazar*. Com efeito, neste caso, deparamo-nos com um texto que pretende, num formato misto de entrevista e reportagem, dar a conhecer a biografia íntima do Presidente do Conselho, humanizando e aproximando a figura do ditador de um público internacional, contribuindo para assegurar a sua permanência no poder após a queda das ditaduras alemã e italiana no pós-guerra. Trata-se de um livro fundamentalmente político, pois, a pretexto de conhecer o ditador, o que a jornalista enuncia são as ideias políticas de Salazar, muitas vezes, transcrevendo literalmente excertos dos escritos deste. Mesmo os detalhes que apontam para cenas mais privadas da vida de Salazar vão ao encontro da narrativa que o discurso oficial fazia dele. Ainda assim e por isso o consideramos nesta análise, a obra faz um certo retrato de Portugal e, nesse âmbito, partilha das características de um livro de viagens, pois a autora vai referindo as suas impressões sobre o que vê, embora estas sejam mediadas por um objectivo propagandístico relativamente ao ditador e à sua obra.

Há outro livro, *Oldest Ally*, com um certo pendor político, já que não esconde o seu propósito de analisar a situação do país, sendo a única obra escrita quando já havia eclodido o conflito nas colónias portuguesas e, portanto, longe da pujança inicial do Estado Novo dos anos 30 e 40. Embora se ofereça uma análise profunda do regime, é indiscutível, também, que se trata de um livro que corresponde a uma viagem e em que o país e as suas gentes são olhados do ponto de vista do viajante.

Quanto às restantes obras, todas elas catalogáveis no domínio do relato de viagem, apresentam Portugal e os portugueses com modulações diferentes, consoante se deixam permear mais ou menos pela propaganda oferecida pelos serviços turísticos do regime.

Claramente, a obra de Réval, *L'enchantement du Portugal*, é um panegírico do país e do seu desenvolvimento desde o golpe militar de 1926. Já os artigos de Mary McCarthy encontram-se numa linha um pouco equidistante, tentando manter algum rigor jornalístico, ou seja, por um lado, reconhecendo desenvolvimentos no país, por outro, não escamoteando o facto de se tratar de uma ditadura e criticando abertamente a natureza do regime e os seus fracassos.

Fullerton em *To Portugal for Pleasure* não esconde a sua simpatia por Salazar, mas consegue criar um livro de impressões bastante pessoais sobre Portugal. As britânicas Ann Bridge e Susan Lowndes fazem um livro com o propósito claro de ser

um guia útil para o visitante estrangeiro, evitando tecer considerações aprofundadas sobre a política do país. Serão, contudo, bastante críticas da política de restauros do Governo português. O casal Younger em *Blue Moon in Portugal* produz uma obra de agradável leitura, pontuada com algumas observações humorísticas sobre os portugueses, mas sem entrar em discursos particularmente apológicos do regime, embora não ocultem um pendor favorável ao mesmo. Já Iris Merle, em *Portuguese Panorama*, situa-se numa posição elogiosa do regime, chegando a publicitar as suas obras e a figura de Salazar.

IV. Questões suscitadas

A leitura, numa perspectiva conjunta destes textos, ofereceu-me uma série de questões que me pareceu interessante abordar, numa ótica da análise de um país sujeito ao olhar do visitante estrangeiro, um país que procurava encenar uma nova era na sua história. Não me vou deter nessas questões, mas há um aspecto com que me deparei no decurso desta investigação e que se prende com a questão da ideia de exótico relacionado com a cultura portuguesa da época - as autoras percebem na nação lusa uma dimensão exótica que se fundamenta, sob o ponto de vista temporal, num país que não evolui e, por isso, se encontra numa dimensão não contemporânea, mas também um exotismo geográfico de território que se acha numa margem da Europa e no qual se encontram vestígios de Oriente, África e Brasil.

Um país que, apesar de se encontrar no extremo ocidental da Europa, tinha mais em comum com o distante Oriente e com África do que com o continente onde geograficamente estava localizado. As próprias narrativas editadas pelo SNI falam de um país à “entrada da Europa”, assumindo uma periferia de tempo e lugar num conceito de nação que se cristaliza na História para se deixar contemplar pelo olhar do outro: “Le Portugal est une foire-exposition de paysages et de monuments - véritable synthèse de l’espace et du temps - installée à l’entrée de l’Europe, pour la joie de tous ceux qui partent de ce vieux Continent, et de tous ceux qui y viennent.” (*Le Portugal en un clin d’œil*, 1949: 1)

Essa “entrada da Europa” tanto pode significar que Portugal é a primeira das nações europeias, como que nem sequer se situa, do ponto de vista geográfico e temporal, no espaço-tempo europeu, ficando à porta. Das leituras efectuadas, parecemos que as autoridades do regime do Estado Novo jogam com a ambivalência de nação europeia das mais antigas, mas também de nação que procurou outros espaços de expansão, amplificando a gesta dos lusitanos que “Novos mundos ao mundo irão mostrando.” (Camões 2003: estância 45)

Se analisarmos a adjectivação que encontramos nos textos destas autoras, deparamo-nos com qualificativos como antigo, medieval, atrasado, bíblico, oriental, etc., qualificativos que remetem para o passado e para outras eras e lugares.

Mas é precisamente nesse “estar fora” que pode residir um dos seus atractivos.

Estas viajantes não encaram esse atraso como uma característica negativa, mas antes como um sinal de autenticidade e de uma vida simples e inteira, na ancestralidade de um saber viver que o progresso dos países de onde vêm já não permite. Um lugar onde o tempo parou e não houve evolução. Vamos deparar-nos, então, com uma recusa do progresso, consentânea com a visão de Salazar.

A ideia aparece condensada em *L'enchantement du Portugal* e explica até o título do livro:

Ce qui faisait l'enchantement du Portugal c'était la survivance du passé, des traditions pittoresques, de ces usages et ses moeurs d'un autre âge. Il y avait en lui Europe, mariée à l'Asie et à l'Afrique. Ce pays était pour les artistes la source romantique, qui renouvelle sans cesse l'inspiration! S'il se modernise et ressemble aux autres pays, adieu! Ô mon beau Portugal! (Réval 1934: 23-24)

O conceito exótico vem do grego *exotikós*, isto é, o que está ou é de fora e implica, no contexto da alteridade, um movimento no sentido de olhar o Outro como algo diferente daquele que observa, escreve e opina. Encaramos aqui o exótico como essa modulação de alteridade e não necessariamente o exótico longínquo, tropical, de paisagem de sol e palmeira, na esteira de Segalen, “Commencer par la sensation d'Exotisme. Terrain solide et fuyant. Écarter vivement ce qu'elle contient de banal: le coctier et le chameau.” (Segalen 2007: 37)

Roberto M. Dainotto em “Europe in Theory” fala sobre a forma como a Europa reflecte sobre a sua própria identidade, propondo um conceito de Eurocentrismo que já não precisa de se confrontar com o Oriente para definir a sua identidade, mas que encontra no próprio sul da Europa a sua antítese, ou seja, o não europeu. Assim, não faz sentido evocar o conceito da formação da Europa com recurso à sua antítese, isto é, a Europa não é a Ásia, cito: “A modern European identity, in other words, begins when the non-Europe is internalized—when the south, indeed, becomes the sufficient and indispensable internal Other: Europe, but also the negative part of it.” (Dainotto 2007: 4)

Portugal, nesses quase trinta anos que separam a primeira da última viagem destas autoras, foi por elas observado como esse sul, não necessariamente negativo - constatamos o seu apreço pelo país -, mas sim atrasado, fora do tempo e fora do espaço não europeu. Mas como pode o sul ser ao mesmo tempo Europa e não Europa?

Essa percepção vem ao encontro do exotismo que estas autoras espelham nas suas obras ao falar de Portugal e dos portugueses, mesmo quando se surpreendem por não encontrarem tipos étnicos diferenciados no sul, em relação ao norte de Portugal, ainda assim, essa aúrea de misticismo não desaparece. O país reenvia o visitante para uma atmosfera oriental e africana, e mostra uma alma que é exterior à Europa.

A própria arquitectura reflecte isso, o manuelino tão distante do gótico norte-europeu, os azulejos, herança directa do Islão, o fado tão semelhante aos longínquos cantares do Oriente, relembremos a voz nasal que evoca África e Palestina de que fala Réval. Portugal é exótico, porque viajar pelo seu território equivale a sair da Europa, reforçando a distância que se acentua entre o visitante e o povo português.

O Portugal representava essa ausência de modernidade, esse reverso ancestral que permitia no movimento dialético assegurar o progresso do norte, preservando o sul num atavismo medieval. Especialmente este sul ainda mais afastado de tudo, um sul na ponta ocidental da Europa, uma jangada de pedra que ainda assim permanece presa ao continente. A escritora inglesa Sarah Bradford que viveu em Portugal nos anos 60 e escreveu um livro sobre o país, publicado em 1973, refere logo no primeiro capítulo, “Portugal is an island of Europe. It is part of the continental landmass and yet not of it.” (Bradford 1973: 9)

A própria Península Ibérica partilha essa natureza: “l’Afrique commence aux Pyrenees, and travel accounts by French or British visitors to Iberia are rich in expressions of fascination and bewilderment that would not be out of place in more explicitly extra-European exotic locales.” (Klobucka 1997: 127)

O olhar destas mulheres concorda com esta visão, ela própria enviesada, até mesmo inconscientemente, pelos seus lugares de origem. Exotismo não seria exactamente a imagem que o SPN / SNI procurava transmitir aos viajantes estrangeiros que visitavam Portugal, porém essa idealização do território um pouco parado na história e vivendo à sombra das suas glórias passadas, com tradução concreta nos monumentos que se recuperavam para ilustrar esses feitos e nos estereótipos humanos do camponês e do pescador, buscava uma exaltação ancestral e, simultaneamente, uma diferenciação do resto dos países europeus.

O que em certos aspectos o regime vê como identidade, a ancestralidade da criação do país, a identidade única, as autoras verão como algo exótico.

a) Portugal encontra-se na margem do tempo - a duração do tempo não é medida da mesma maneira que no resto da Europa:

This means that time in Portugal is time as it existed in Europe before the Age of the Machine. It is sometimes feudal, sometimes Augustan, the life of European man before the erection of the factory chimney and the arrival of the adding machine. That is one reason why we went back. We wanted to feel, to try to understand, what life was like in the Middle Ages and in the centuries of baroque. (Younger 1956: 13)

Atente-se ao elevado grau de ancestralidade imaginado, é uma viagem ao passado não de algumas décadas mas de séculos! Portugal é visto como um país, em certos aspectos, medieval.

É visível o país pobre, mas remediado, alegre até na sua ruralidade, lição bem aprendida de Salazar. Às vezes é a arquitectura das casas senhoriais que leva as viajantes nessa travessia através dos tempos. As férteis terras do Minho, sobretudo, são vistas como uma arcádia.

O trabalho é visto sempre como algo ancestral, “Travail des temps bibliques!” (Réval 1934: 152), exclamará Réval perante as trabalhadoras rurais que debulham o milho.

Há uma atmosfera de sonho e fábula, o que de alguma forma impede que a pobreza e as difíceis condições de vida a que se assiste se encarem como algo real.

b) Mas Portugal encontra-se também na margem do espaço - isto é, o constante convocar de outros territórios fora da Europa, nos quais se parece estar quando se está em Portugal, onde os visitantes evocam povos antigos.

Temos o exemplo da Nazaré que se distingue não tanto pelos “pormenores arquitectónicos” (Bridge/Lownes 1949: 170), mas pelos habitantes que seriam, alegadamente, de “origem fenícia” (*ibidem*) e cujas características específicas se percebem não só na sua forma de vestir, como na sua aparência: “Uma grande quantidade de habitantes locais tem olhos cinzentos e sobranceiras negras, com narizes elegantes e direitos, descendo quase em linha recta desde a testa, como nos perfis das ânforas gregas.” (*ibidem*)

Teremos, também, o Portugal do Oriente que Réval imagina a cada esquina, na beleza das varinas (Réval 1934: 85), no Mosteiro dos Jerónimos que lhe recorda a misteriosa arquitectura do Oriente, o selo entre Portugal e o Oriente, “Belem, c’est le sceau poétique de l’Orient sur la terre portugaise.” (*idem*: 86)

A influência árabe é, naturalmente, evocada, não só como vestígio de um passado distante mas como algo que ainda é visível ao olhar do viajante. “It is 700 years since the Moorish rulers were finally driven out of the land and the Reconquista was accomplished; but Arabs remained, to be assimilated into the Portuguese nation and to exercise an influence on its culture.” (Fryer / Pinheiro, 1961: 28)

A influência não se limita aos árabes, mas também se evoca África, “It is this remarkable combination of Latin, Moorish, oriental and African influences which makes Portugal such a strange and enchanting country.” (*idem*: 30)

O atraso do país também é evidente nas doenças que se podem ainda contrair, mais comuns em geografias não europeias, como a malária ou a febre tifóide, aviso prudente das Duas Inglesas em Portugal.

V. Conclusões

Em conclusão, essa existência fora do tempo e do espaço europeus era potenciada pela propaganda do regime que teimava num afastamento face ao exterior. Portugal sob o regime de Salazar auto-isolava-se e procurava nessa solidão a sua distinção, avocando um excepcional percurso histórico que funcionava como

um elemento compensatório da sua hodierna insignificância, na periferia a que havia sido remetido.

Se a propaganda do Estado Novo pretendeu erigir uma legitimidade histórica para o seu regime, ancorada na tradição e na secularidade da formação das nacionalidades no Continente Europeu, pretendendo assim ser considerada como uma das nações mais antigas do Continente, a sua estratégia foi, nas autoras e nas obras mencionadas, iludida pela questão da supremacia cultural. O antigo imperialismo cultural do norte da Europa e o novo norte-americano do pós-guerra tiveram evidentes influências na forma como as paisagens, o clima e as pessoas foram observadas, enquanto objectos exóticos ligados a uma conotação geográfica com o sul.

É de salientar que das oito obras analisadas de que resultam onze autores, nove mulheres e dois homens, oito são de origem britânica, numa altura em que o Reino Unido mantinha ainda parte do seu império colonial, sendo que Portugal era visto como uma espécie de território facilmente explorado pelos súbditos britânicos. Recorde-se a ideia de Eric Hobsbawm sobre Portugal ser no século XIX uma “virtual semi colony of Britain” (*apud* Klobucka: 127). Essa superioridade consagrava uma tendência existente “to represent others in stereotypical terms has been dominant in carving out European identities in British literature and culture and has often been employed in narratives set in the borderlands and peripheries of Europe.” (Nyman 2015: 147)

Para terminar, creio poder ser uma via interessante continuar, no futuro, a análise, tentando compreender como se situa a literatura de viagens contemporânea face aos países das margens da Europa, especificamente o sul da Europa e, em concreto, a Península Ibérica. Que novos olhares existem? O conceito de Europa mudou, fruto das migrações, intercâmbios, novas travessias? Ou perpetuam-se essas margens, periferias e centralidades? Que narrativas produzem os textos integrados na literatura de viagens?

Nota

* Sónia Serrano é investigadora na área da literatura de viagem de que resultou o livro *Mulheres Viajantes*, publicado na Tinta-da-China. Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dedicando a sua pesquisa à literatura de viagens, em particular a escrita por mulheres. Fez crítica literária no *Jornal de Letras* e participou em diversas publicações de poesia. Tem publicado diversos artigos científicos sobre literatura de viagens. Em 2010 foi co-comissária da exposição “Autorretratos do mundo” no Museu Berardo, e em 2015 da exposição “No fim de todos os caminhos”, na FLUP, sobre a escritora, jornalista e viajante Annemarie Schwarzenbach. Co-organizou o colóquio internacional “Annemarie Schwarzenbach: uma viajante pela palavra e pela imagem” no Instituto Franco-Português Participação como representante de Portugal na conferência “Cross-Border Conversations: European and Indian Women Writers”, realizada em Nova Deli, entre outras conferências ligadas à literatura de viagens. Participação como *keynote speaker* no Congresso Internacional Fotografia e Viagem, realizado no Funchal. Dada a sua ascendência espanhola é bilingue, tendo experiência na área da tradução espanhol/português.

¹ A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

Bibliografia

- Bradford, Sarah (1973), *Portugal*. New York, Thames and Hudson.
- Bridge, Ann e Lowndes, Susan (2009), *Duas inglesas em Portugal - uma viagem pelo país nos anos 40*. Tradução Jorge Almeida e Pinho. Matosinhos, Quidnovi.
- Camões, Luís de (2003), *Os Lusíadas*, Canto II. José António Saraiva, José António Lima e Henrique Monteiro (dir.). Lisboa, Edição Expresso.
- Dainotto, Robert M. (2007), *Europe (in theory)*. Durham and London, Duke University Press.
- Freyer, Peter e Pinheiro, Patrícia McGowan (1961), *Oldest Ally - A portrait of Salazar's Portugal*. London, Dennis Dobson.
- Fullerton, Alice (1945), *To Portugal for pleasure*. London, Grafton & Co.
- Garnier, Christine (1952), *Férias com Salazar*. Lisboa, Companhia Nacional Editora.
- Klobucka, Anna (1997), “Theorizing The European Periphery”. *Symplokē*, Vol. 5, No. 1/2, special issue: *Refiguring Europe*. University of Nebraska Press: 119-135, <http://www.jstor.org/stable/40550405>
- Le Portugal en un clin d'oeil* (1949). Lisbonne, Editions SNI.
- McCarthy, Mary (1961), “Letter from Portugal”. In *On the Contrary*. New York, Farrar, Straus and Cudahy.

- (1961), "Mister Rodriguez of Lisbon". In *On the Contrary*. New York, Farrar, Straus and Cudahy.
- Merle, Iris (1958), *Portuguese Panorama*. London, Ouzel Press.
- Nyman, Jopi (2015), "British imaginings of a European periphery: Roger Scruton, Michael Palin and Michael Booth in/on Finland". *Journal of Postcolonial Writing*, 51:2, pp. 144-157, <https://doi.org/10.1080/17449855.2015.1011847>
- Réval, Gabrielle (1934), *L'enchantement du Portugal*. Paris, Fasquelle Éditeurs.
- Segalen, Victor (2007), *Essai sur l'exotisme, une esthétique du divers*. Paris, Fata Morgana.
- Younger, William e Elizabeth, (1956). *Blue Moon in Portugal*. London, Wyre & Spottiswoode.